



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5329 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

APÓS O REGRESSO

AQUILINO RIBEIRO

Fala-nos da Alemanha -- Verdades amargas--Os aliados e a ocupação militar

Aquilino está de volta. Devem os leitores lembrar-se que antes da sua partida para a Alemanha, onde se demorou breves meses, trocamos com o autor da *Vida Suísa*, impressões que nessas colunas demos a estampa. Diz-se à boca pequena, que Aquilino Ribeiro iria à Rússia. Iria, não iria?... Aquilino dizia-nos que não, nós desconfiávamos que sim. Quando soubemos que havia regressado, corremos a vê-lo. E somos sinceros—talvez nos animasse mais a curiosidade de ouvir o que nos contasse, as novidades que nos trouxesse da Alemanha pobre, exausta e da Rússia que tantas opiniões contraditórias tem suscitado, do que saber se tinha chegado bem e se a viagem decorreu sem empenho de maior.

Aquilino Ribeiro deve estar agora na redacção da *Patria*, informaram-nos. Pela, ali nos dirigimos. E a caminho, iamos antegosando já o prazer exquisito de receber, dum homem que viu com

Alemanha. A França, que comunica para todo o mundo os seus intuiços anti-militaristas e mantém mobilizados, em pé de guerra, 800.000 homens—a França de brago dado com a Inglaterra e a Alemanha, no intuito de combater o militarismo teutônico, mantém-se nos territórios ocupados numa altitude belicosa, como se a Alemanha, esmagada, vencida, pudesse ainda fazer arremedo duma invasão.

—A ocupação é a maior barbaridade dessa época! exclamou Aquilino Ribeiro. —Os aliados têm levantado casernas por todos os cantos, sobretudo na Renânia. Num momento em que a Alemanha está a braços com a fome, inutilizam grandes terrenos, que se prestavam para valiosas culturas, fazendo parques para a aviação, etc. A cidade de Luis Baden viu, após a ocupação, as suas ruas mais importantes convertidas em lapanas.

—A soldadesca alguma coisa há de fazer—dissemos.

—É uma verdadeira desmoralização — continuou Aquilino. —Tudo anda à matraca, atrasado, irregular, os combóios nunca chegam a tempo, uma verdadeira confusão.

—E em que situação se encontram as massas trabalhadoras nesses territórios? perguntámos.

—O proletariado, segundo Jouhaux e Jonchoux, sabe-o melhor do que eu—afirmou Aquilino. —Diz-se, mesmo, que a produção diminuiu devido a esse facto.

Não pregámos a Aquilino Ribeiro se o operariado poderia lutar por melhor situação, porque já sabemos que os aliados, que entraram na guerra para libertar os povos, exercem sobre os trabalhadores uma opressão muito útil à democracia... Entretanto Ribeiro prosseguiu:

—Em Colónia as tropas inglesas conservam-se constantemente de espingardas apontadas e baioneta calada...

—Posição incômoda—interrumpimos-nos.

—E não permitem que ninguém se aproxime...

—Tudo pela liberdade dos povos—fomos dizendo, ao mesmo tempo que inventávamo-nos o nosso melhor ar de convictos. —Tudo pela liberdade dos povos...

O tratado de Versalhes é um pesadelo—O governo pretende suavizar a situação—600.000 chômeurs*

—E pela Alemanha... dos alemães?

Tudo funciona com regularidade também—em relatos que não caberiam nestas acanhadas colunas, nem mesmo em volumoso volume, Aquilino Ribeiro falou-nos um pouco de tudo: de arte e de finanças, de trabalho e militarismo, de chômeurs e de prostituição, de guerra e de paz.

A ocupação dos aliados—A cidade de Luis Baden transformada em lapanar—Parques de aviação nos terrenos de cultura — Pela liberdade dos povos...

Já não nos lembramos porquê, a conversa recaiu sobre os territórios ocupados. Se confiássemos apenas nos telegramas que variadíssimas agências nos dão, os aliados, e principalmente a França, são todos carinhos para com a propriedade. Não há dúvida alguma

cialista, porque tanto uma como outra destas Internacionais devem ser compostas, senão da unanimidade, pelo menos pela maioria dos operários e dos socialistas de cada país. Uma internacional socialista ou operária que não contar no seu seio a maioria dos socialistas e dos operários britânicos, franceses, alemães, etc., só pode ser uma Internacional de seita, de pequeno grupo.

É na verdade ridículo para os partidos socialistas de países com uma tam larga evolução como a Gran-Bretanha, cuja classe operária está incontestavelmente, para todos os que sabem, à cabeça do movimento e do progresso proletário, que a França, cujo mundo operário é duma inteligência tam maleável e tam viva, se vá encontrar na situação de postulantes perante uma Internacional de uma seita. Uma Internacional Operária Socialista só pode estabelecer-se duma forma racional por uma reunião de delegados das organizações operárias socialistas de cada país. Estes delegados, reunidos, mandarão os seus respectivos mandatos, discutiriam a organização internacional e estabeleceriam os seus estatutos, que se tornariam então a lei das partes. Qualquer outra organização da Internacional só pode conduzir a criações sectárias mas não gerais, tanto do socialismo como da classe operária.

Nesta crítica da I. C. de Moscova não se queria ver nem desprezo nem desdém. Analisámos um facto e mostramos as suas causas, consequências e efeitos. Admitimos a utilidade certa desta I. C. como Internacional de seita, actuando no Ocidente como um fermento. Não consideramos esta I. C. como uma força suficientemente poderosa para arrastar na sua órbita as massas socialistas e operárias ocidentais e provocar uma revolução brusca. Qualquer que seja a influência das minorias que actuam—e longe de mim o pensamento de o negar, porque é um facto incontrovertido—esta influência, só pode exercer-se no próprio sentido dos instintos e dos sentimentos das massas.

E não é isto o caso em relação ao Ocidente, onde as massas proletárias estão impregnadas do espírito de liberdade, oposto ao espírito de autoridade, que impregna os chefes da I. C. de Moscova, e portanto parece-me inevitável que se produzam scissões em todos os países.

A influência social da Internacional de Moscova

Uma tal Internacional é verdadeiramente ridícula se a encararmos sob o ponto de vista da sua ação directa no governo dos homens, na administração das coisas e na preparação da Revolução Mundial. Com efeito, esta ação directa é quase desrespeitável tam é. É entretanto necessário observar que esta Internacional de seita tem todavia uma grande ação indirecta, em virtude do seu poder de agitação em todo o mundo.

Só o facto da sua existência e à fortiori as teses que sustentam discussões, donde resulta uma educação e portanto um progresso para as massas humanas. A I. C. é um fermento que provoca a fermentação da humanidade e especialmente da parte avançada desta humanidade. Encarada assim, é útil, até muito útil, mas pode intitular-se Internacional Operária, nem Internacional So-

C. G. T.

Conselho Confederal

Hoje, pelas 20 horas, reúne o Conselho Confederal, afim de apreciar o parecer sobre as propostas de finanças, da comissão nomeada na última reunião do Conselho.

NA ALEMANHA

Leis estabelecendo penas severas contra os assabarcadores

BERLIM, 19.—O Reichstag aprovou um projeto de lei em que se estabelece severas penas contra o comércio ilícito, aumento ilegal de preços e proibindo a exportação dos produtos essenciais do país.

A pena máxima a aplicar às transgressões será de 15 anos de trabalhos forçados.

As multas são ilimitadas sendo a multa mínima de vinte mil marcos. —Rádio.

Simon não quer propaganda nem contra nem a favor do bolchevismo

BERLIM, 19.—No Reichstag o ministro dos negócios estrangeiros Simons respondeu a uma interpelação dum membro do partido nacional acerca do perigo da propaganda bolchevista feita nos campos de internamento dos russos, prometeu que os campos seriam de futuro guardados por guardas militares em vez de guardas civis como até aqui. Os internados devem ser considerados como tropas soviéticas e a propaganda bolchevista ou anti-bolchevista deve ser suprimida de forma a não perturbar as boas relações da Alemanha com a Rússia, relações estas que devem ser cuidadosamente mantidas.

Simons concluiu o seu discurso declarando que a Alemanha nunca tinha mantido relações com o governo do general Wangel. —Rádio.

A melhoria económica depende muito das relações com a Rússia

BERLIM, 20.—O deputado popular Stremann, discursando em Colónia, declarou que o futuro financeiro alemão depende do próprio império alemão, dependente das negociações de Bruxelas, acrescentando que a Alemanha nunca poderá fazer executar as reparações, se não levantar economicamente, sendo um dos factores de levantamento o realtamento das relações comerciais com a Rússia. —Rádio.

VER NA 2.ª PÁGINA:
Debate de opiniões
Artigo de J. Carlos Rates

que o governo pretende regularizar a vida tanto quanto possível.

No entanto...

—Entanto a maior parte dos gêneros é distribuída por senhas, impõe o racionamento; o leite, por senhas também, é pouco, muito pouco; aquilar não há. A miséria é grande, levando o povo a praticar certos actos duvidosos. Faz leis que se cumprem, custe o que custar. Ainda há pouco tempo lancaram um imposto pesadíssimo sobre os ricos, o imposto de sucessão, que arranca aos homens de fortuna 30% dos seus bens...

—E cá em Portugal que tanto barulho se tem feito por causa das propostas de finanças, murmurámos.

Há mais—continuou o recenchedo. —Os empréstimos de guerra foram lançados com um juro de 5.0%. Pois, ultimamente, o governo reduziu essa taxa a 3.5%.0. Actualmente pretendem cobrar a taxa de 600.000 chômeurs. Uns trabalham uma vez por semana, outros exercem a sua actividade uns dias entre outros.

Uma nota sobre arte—A derrota do general Wangel

—As tendências para a Terceira Internacional

Nunca pôde a miséria impor, ond o leite é raro, onde as condições de vida são péssimas, natural será que a arte se resinta e caminhe para uma certa decadência.

Porém, Aquilino Ribeiro contou-nos que as ruas das cidades estão plenas de cartazes, os mais diversos e os mais belos. Esses cartazes na sua maioria destinam-se à propaganda da Alta Silexia, que a Alemanha deseja anexar aos seus territórios.

Outro facto interessante. O palácio do komprin foi transformado em museu. O terceiro pavimento desse palácio, que é enorme, foi destinado únicamente ao turismo e cubismo, tendo o turismo grande predomínio.

Quizemos saber também como tinham os alemães encarado a derrota do general Wangel.

Wangel disse-nos o apreciado escritor, é ainda de origem alemã. Os conservadores concentraram nele todas as suas esperanças. A vitória de Wangel livraria a Alemanha do problema polaco, porque restabeleceria as antigas fronteiras da Rússia, e ao mesmo tempo seria um belo ponto de apoio, de resistência, às imposições dos aliados. Wangel, porém, ficou inutilizado. Com ele fôraram as esperanças dos conservadores. Os partidos revolucionários regosaram-se com a derrota, é claro.

—A propósito de revolucionários dissemos: —Quals são as suas tendências, qual das Internacionais preferem?

—As tendências, pode dizer-se afinalmente, são para a Terceira Internacional—respondem, convicto, o nosso interlocutor.

Era tarde. Duas badaladas haviam saído já no relógio do Carmo. Vontade tinhámos nós de ouvi-lo durante toda a noite, até de madrugada, mesmo. Era abusar, porém. E despedimo-nos de Aquilino Ribeiro, não sem bastantes saudades de tam deliciosa cavaqueira.

O REGABOFE

Os cofres públicos a saque

Alguns aspectos da bambochata

O sr. Malheiro Reimão, actual deputado e antigo ministro das finanças, deu anteontem ao *Século* uma entrevista, em que alguns aspectos do nosso descalabro administrativo se patentem, vergonhosos, indecentes, revoltantes. E' o descalço atingindo os últimos limites, é a pouca-vergonha elevada ao ponto máximo. Veja-se a delinquência nacional atraídos através dos períodos que abaixo reproduzimos.

17.000 novos funcionários

de 1917 para cá

Diz o sr. Reimão:

—Sou, desde há muito, partidário do aumento das contribuições e fui até o primeiro a tentar esse recurso e a defendê-lo em todos os campos, inclusive no seu jornal. Mas, sem reduzir primeiramente as nossas orgânicas despesas, creio que nem mesmo com a guarda republicana conseguiremos impôr esse aumento ao contribuinte. A verdade é que se é inadiável a necessidade de aumentar as receitas, mas inadiável e mais urgente é a necessidade de diminuir as despesas. Temos que começar pelo princípio.

—E não basta reduzir os adidos na

mesma, como muito bem o vai fazer o ministro da marinha. E' preciso aplicar esse critério a todos os serviços; reduzir os quadros, já não digo que eram em 1914, mas ao menos os que eram em 5 de Dezembro. Porque—não o esqueçamos—a ditadura de dezembro, a ditadura constitucional ou suplementar e o período que se lhe seguiu, ultrapassaram, nesse escandaloso capítulo, todas as marcas. Não menos de 17.000 funcionários novos foram nomeados.

A onda trascorreu de tal modo que,

desses 17.000 funcionários, mais de me

tais, ficaram ganhando as pobres mulherzinhas? Cento e vinte escudos por mês...

—Quer saber como foram nomeados

alguns dos 17.000? Num estabelecimento

do Estado havia um director que ganhava 50 escudos mensais. Nunca pediu aumento porque não tinha necessidades, e tanto assim que cedia ao referido estabelecimento os seus honorários. Um dia é procurado por um enviado do ministério, que lhe comunica o seguinte:

—V. ex. passa a ganhar 2.400\$00

e vai ter dois adjuntos».

—O ordenado—responde o funcionário—é bem empregado, porque o dou, inteirinho, ao

estabelecimento; mas os adjuntos não

sou eu que ficarei hei de dar».

—Não faz mal—atajou o enviado—o ministro tem empenho nisto; deixe-os vir para aí; ficam a ganhar 1.800\$00 cada um.

—No dia seguinte volta o enviado:

—Olhe que, afinal, os adjuntos não são três. O ministro esqueceu-se

de que o secretário também queria,

para não tirar o lugar a ninguém, ne

meia-sa mais um!

Nos quadros militares

Uma escandalosa comezaina

Vejamos agora os quadros militares. Há neste capítulo coisas assombrosas. O único caminho é de administração. E' o único caminho a seguir, se queremos viver. E quem quiser administrar a primeira causa que tem a fazer é colocar na situação de adidos, sem vencimento, já não digo todos os funcionários que não trabalham, porque, então, ficariam as repartições desertas, mas, ao menos, todos os que não estão legalmente nomeados.

O quadro de oficiais de infantaria deve ter um total de 1.236. Pois, só subalternos, há ali 1.328. Mas há mais: Pela lei 971, que até 31 de Dezembro está em vigor, não se devem fazer promoções senão para os postos em que querer quantos subalternos há no quadro permanente? Trezentos e novel. Além disso, há 280 subalternos militares, dos quais um terço, pelo menos, está no serviço.

O quadro de oficiais de artilharia deve ter um total de 1.236. Pois, só subalternos, há ali 1.328. Mas há mais: Pela lei 971, que até 31 de Dezembro está em vigor, não se devem fazer promoções senão

DEBATE DE OPINIÕES

A frente única dos socialistas

é possível estabelecer-se sem prejuízo das correntes representadas

Fixemos antes de mais nada este princípio: — a revolução socialista em Portugal deve ter uma feição nitidamente sindicalista.

Mas porque não há de essa feição ser coletivista ou anarquista?

1.º Porque o sistema sindicalista, como o demonstramos no próximo artigo O sindicalismo apto a governar, tem uma base essencialmente tecnico-económica que dispensa a preparação filosófica e moral daqueles dois sistemas de base essencialmente políticas;

2.º Porque a revolução com um carácter coletivista só tem possibilidade de vingar nos países onde não exista organização sindical, como na Rússia, onde essa mesma organização esteja subordinada ao partido político;

3.º Porque em Portugal a corrente socialista predominante é a sindicalista, embora sujeita a erros, imperfeições e desvios susceptíveis de modificá-la;

4.º Porque não há oposição real entre a revolução sindicalista e as doutrinas coletivista e comunista;

5.º Porque o anarquismo, que como sistema político se opõe ao sindicalismo, tem todo o interesse, no triunfo da revolução sindicalista.

Para bem se compreender a justezas destes princípios que esquemáticamente enunciámos é indispensável fixar as reivindicações de cada corrente socialista e mostrar as suas concordâncias e discordâncias.

As convergências socialistas para o mesmo fim

Os coletivistas querem, quanto a fins: 1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção;

2.º O estabelecimento dum plano único de produção, sendo esta, bem como a distribuição e permuta, confiadas a instituições públicas — o Estado e os Municípios;

3.º A recompensa pelo mérito individual expressa na fórmula — a cada um o produto integral do seu trabalho.

4.º A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

Os comunistas anarquistas querem, quanto a fins:

1.º-A socialização da propriedade e dos meios de produção;

2.º-A organização da produção, da distribuição e permuta, confiada a grupos de afinidade por estabelecimento de acordo livre, isto é, podendo o indivíduo a todo o momento desligar-se do grupo primitivo e estabelecer novos acordos com outros grupos;

3.º-A igualdade de direitos e deveres no esforço como nos benefícios, sem consideração pelas aptidões e méritos de cada um, expressa na fórmula: de cada um segundo as suas forças; a cada um segundo as suas necessidades;

4.º-A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

Os sindicalistas querem, quanto a fins:

1.º-A socialização da propriedade e dos meios de produção.

2.º-A direção da produção confiada aos sindicatos; a distribuição e permuta aos próprios consumidores, (cooperativas).

3.º-A recompensa pelo mérito individual, para estimular a produção; aplicação gradual e progressiva das fórmulas comunitárias, como tendência geral já hoje assinalada.

4.º-A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

São estas as reclamações fundamentais, quanto a fins, das três escolas socialistas.

A manifestação do acordo provável

Vejamos agora onde existe o acordo e o desacordo.

1.º-A socialização da propriedade e dos meios de produção é reclamada por coletivistas, sindicalistas e anarquistas. Não há nenhum desacordo.

2.º-Os coletivistas formularam o seu plano de organização do trabalho quando não existia ainda o sindicalismo e nunca vimos da sua parte qualquer oposição ao sistema sindicalista neste ponto, e o mesmo podemos dizer da distribuição confiada à cooperativa que eles mais do que ninguém tem criado e defendido. Pode pois garantir-se que há acordo, quanto a produção e distribuição entre coletivistas e sindicalistas. E os comunistas anarquistas? A produção confiada aos sindicatos não destrói os benefícios da concentração e especialização do trabalho, criadas pelo regime capitalista e que é um dos melhores benefícios que herdamos. E como se não trata dumha questão que afecta doutrinariamente o comunismo-anarquista, não há motivo para se lhe opôr. Na verdade, se se considera como função governamental o facto dos sindicatos dirigirem a produção, nós temos o direito de perguntar aos anarquistas se excluem a autoridade do saber e da competência, se não aceitam nenhuma espécie de delegação de funções com um carácter necessariamente transitorio e mandato revogável. Sabemos que não é assim. Os anarquistas quando fundam um jornal, por exemplo, escolhem dentre eles um que dirija os serviços de redação e não abdicam por esse facto dos seus direitos e dos seus princípios. Trata-se simplesmente, neste caso, dumha divisão do trabalho para regularizar e coordenar esforços. E' o que sucederá nos sindicatos com as comissões técnicas e administrativas. Não é neste aspecto da produção que entra a explicação da frase o poder político nos sindicatos. De resto, os anarquistas, que conhecem ou devem conhecer a aspiração dos sindicatos pela posse dos meios de produção, colaboram na ação sindical e algumas até, como Manuel Joaquim de Sousa, defendem ostensivamente aquele princípio de posse. Não pode pois sofrer oposição dos anarquistas esta prática. Quanto à distribuição, os anarquistas não combatem as cooperativas. Temos pois mais um ponto de acordo de coletivistas, anarquistas e sindicalistas.

3.º-A fórmula coletivista — a cada um o produto integral do seu trabalho,

Caminhos de Ferro

Continuando a esforçar-se por normalizar rapidamente os seus serviços, a Companhia Portuguesa tornará diário, a partir de 21 de corrente, o serviço de combóios das linhas de Leste, Beira Baixa e Ramal de Caceres que presentemente se faz só três vezes por semana.

Entre Entroncamento e Barquinha, são estabelecidos 4 novos combóios, 2 em cada sentido, para serviço de passageiros de 3.ª classe.

O combóio n.º 3 e 15 da linha do Norte, que actualmente se fazem até Porto-Campanhã, serão prolongados até Porto-S. Bento, e os n.º 8 e 18, que presentemente partem de Porto-Campanhã, passam a ter início em Porto-S. Bento.

Para uma melhor utilização das respectivas lotações a maior comodidade do público, os combóios n.º 15 e 8 devem de fazer serviço de passageiros de 3.ª classe, no percurso entre Lisboa e Entroncamento, segundo pelo combóio n.º 121 ate Entroncamento os passageiros dessa classe que se destinem ao Norte, passando no Entroncamento ao combóio n.º 15; e transitando para o combóio n.º 126, na mesma estação, os passageiros de 3.ª classe ali chegados no combóio 8.

Os passageiros de 1.ª e 2.ª classe desembarcam ou procedentes da linha da Beira Baixa podem tomar, respectivamente, o combóio n.º 15 em Lisboa e o n.º 8 no Entroncamento.

União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa reúne amanhã, com a presença dos vogais que compõem a pauta operária do Tribunal dos Arbitrios Avindores, a fim de se tratar assuntos que ao funcionamento do referido tribunal dizem respeito e outros assuntos importantes.

O preço do petrólio

A carroaria da rua Castelo Picão, 55 e 57, de que é proprietário Adolfo Alonso Martínez, meteu petrólio na sexta-feira, que conseguiu a vender ao preço de 1820 o litro. Porém, como achasse, de certo, que estava a fazer favor ao público, já ontem vendia a 1860, do mesmo petrólio.

Um benemerito, aquele carvoeiro.

Julgamento

Realiza-se hoje, pelas 12 horas, no velho casarão da Boa-Hora, o julgamento de Bernardo Xavier, Manuel Ramos, David de Carvalho e Paiva, presos, e quasi esquecidos, há longos meses no Limeiro, por questões sociais.

Serão defendidos pelo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T.

A União das Juventudes Sindicalistas convida a mocidade sindicalista a assistir ao julgamento. É conveniente que o operariado não falte também para o perito como a burguesia exerce a sua justiça.

Um guarda «valente»

O operário estudador Augusto Campos Baptista ajustara, no domingo à tarde, na Rua Sousa Martins, a compra dum galinhal com a mulher do cabo n.º 78, da 2.ª, da guarda republicana, chamado Caroline, tendo-lhe entregue a respectiva quantia, esperando, porém, porque o cabo dessa autorização, quando o que a mulher dissera. Este, quando chegou, não só não autorizou a venda, como se negou a entregar a importância que aquele operário havia entregue.

Muito naturalmente, Augusto Campos Baptista exigiu o seu dinheiro; mas o cabo, sem mais satisfações, agrediu-o, deixando-o a chão, e, não contente com isso, ainda o levou preso para o quartel do Matadouro, onde esteve até às 23 horas.

O camarada Baptista disse que viria comunicar o facto à Batalha, e o valente cabo disse-lhe que se tal fizesse lhe daria um tiro!..

Acrecentou ainda que se podesse fazer o mesmo no nosso jornal como lhe fizera a ele, não se incomodaria, ameaçando-o mais que se lhe faltasse a galinha não se queixaria de matar ninguém.

Este cabo é digno dum louvor pela sua valentia e heroicidade.

Vidreiros da Amora

A Companhia das Fábricas de Garrafas na Amora, quando lhe parece e sem se incomodar que os operários ali trabalham fiquem na miséria, fecha e abre as portas daqueles estabelecimentos, julgando talvez que os produções são milionárias.

Diz a Companhia que não tem dinheiro, mas os operários repeliram esta assertão, porquanto nas fábricas existem 900.000 garrafas e garrafões manufacturados e prontos a ir para os fregueses, que afirmam querer tudo o que se possa arranjar.

Porque não faz a Companhia a venda daquele artigo, conseguindo assim o capital necessário para as fábricas continuarem a laboração, se de facto é esse o motivo que os levou a fechar-las?

Os operários confessam não compreender tal atitude e pensam, com razão, que será mais uma armadilha daquela Companhia, fertil em casos desta natureza.

E talvez por mais este capricho da Companhia, estaria outra vez sem pão de 200 operários, não contando com o pessoal auxiliar, que é também bastante numeroso e que já há cinco semanas está sem pão e sem a menor ter uma esperança.

E siga a companhia vidreira nos seus caprichos.

Pelas prisões

Foram ontem postos em liberdade os seguintes camaradas ferroviários, presos em S. Julião da Barra: João Ferreira, António da Conceição Barulho, Mário Neves Varanda, Guilherme Moreira, Manuel Horta Rodrigues, Carlos José, Marcelino José de Matos, Alberto Tavares Gouveia e Leopoldo Calapez.

Francisco Ferreira foi transferido para o Batalhão de Sapadores e José Luís Alferes para a segurança da Estação.

Em S. Julião encontram-se ainda presos cerca de trinta operários fardados.

J. Carlos RATES.

ABATALHA

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 horas — HOJE

— Maravilhoso espetáculo —

ULTIMA SEMANA dos Clares, Aleijados, Emiliens, Clovellys e Agustin & Hartley

2.ª apresentação do famoso equilibrista de trapépio

LEOPOLDO

14.º apresentação do célebre domador

FORTUNIO

com os seus

4-FEROZES LEÕES-4

• • •

Últimas notícias

A Grécia em foco

Um levantamento na Tracia?

ATHENAS, 19.—O general Goudrakakis, comandante em chefe do exército grego na Tracia, tentou provocar o levantamento de diversas regiões desta província. A tentativa falhou. O general partiu para Constantinopla com setenta dos seus oficiais. — Rádio.

A redacção dum jornal apedrejada

PARIS, 20.—Dizem de Constantinopla que a importante colónia grega naquela cidade afirma que muitos gregos são hostis à restauração de Constantino, mostrando grande dedicação à causa de José dos Santos, que se encontra no campo de concentração de Raul Garrido.

Entrevista realizada com os delegados a fim de se assentarem nos últimos trabalhos a realizar.

• • •

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Asociación de Socorros Mútuos dos Sacerdotes Lisboenses e artes correlacionais.

Assembleia geral dia 12 de outubro, 1921, os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral: Presidente: Costa Ferreira vice-presidente: José de Sousa Naves; 1.º secretário, Vitor José da Silva;

2.º secretário, Manuel Marques das Neves; 3.º vice-secretário, Jerónimo de Sousa; 4.º secretário, Maximiano Loureiro.

Assembleia fiscal: Presidente: José Pereira, vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; tesoureiro, Pedro Henrique da Oliveira Veloso; secretário, Manuel Joaquim de Andrade; vice-tesoureiro: Vogais: José Martins e João Baptista de Abreu; suplentes: Henrique das Neves Camarão e Isidro António Rodrigues.

Assembleia fiscal: Presidente: José Pereira, vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

Assembleia fiscal: Presidente: Francisco da Oliveira; vice-presidente: Dr. António Pestana; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires da Silva.

</